

A PAISAGEM

Um poeta inglês, que deveu grande parte da inspiração à acrobacia do paradoxo, dizia que na Inglaterra os crepúsculos se tornaram mais radiantes e suntuosos depois dos quadros de Turner.

É incontestável essa influência do homem sobre o aspecto da terra que habita. A América do Norte e a Austrália são recente exemplo das transformações que a atividade humana exerce sobre o meio físico. Nos Estados Unidos desapareceram com a civilização as grandes florestas que cobriam até além do Mississipi o seu vasto território; hoje a mata está aí reduzida a quase um quarto da superfície total. Por sua vez o deserto australiano, pobre, esfomeado e sedento, desatou numa espantosa florescência depois que o transformou o esforço inglês. Em outras partes do mundo, a influência do homem, mais antiga, não é menos acentuada no cenário em que se agita e vive. No próprio aspecto do deserto saariano de aparência imutável e imemorial a que o Islamismo dera a nota característica com a silhueta recurva e ondulante do dromedário (que os faraós ignoravam) - corre hoje o automóvel moderníssimo. E em nenhuma outra região a ação transformadora do habitante alterou o aspecto primitivo do ambiente como nessa extraordinária Holanda, onde "Deus fez o mar, porém o Batavo fez a muralha firme da costa". Assim por toda a Terra a paisagem muda sob as mãos criadoras do Homem, como a argila amassada pelos dedos do escultor. As terras, diz Kirchhoff, são sempre o que delas fazem os seus povos.

Em São Paulo está prestes a se extinguir, numa mutação de cena, o primitivo quadro que se desenrolou a sua História. Quem procura adivinhar o segredo das épocas passadas deve apressar-se para fixar o desenho e o colorido dessa paisagem. Um exemplo

139

frisante e visível é o da substituição da araucária pelo eucalipto cosmopolita. O solar do latifúndio, alvejando em meio dos seus bananais e limoeiros, vai perdendo o aspecto peculiarmente paulista ao lado da árvore de importação, que lembra outras terras e outras gentes.

Conto toda a "Província da Santa Cruz, vulgarmente chamada Brazil", da descrição de Pêro de Magalhães de Gandavo, também o nosso planalto em seguida aos campos piratininganos estava vestido "de muy alto e espesso arvoredo". O primeiro e indispensável ato da civilização do colono foi a derrubada dessa mata que o cercava. Do índio aprendeu logo o sistema de roçar e derrubar cada dois ou três anos novas florestas para queimá-las, encoivará-las e por fim semeá-las. Não era o uso de Portugal onde a mata é por si mesma uma riqueza; mas para o desbravamento do deserto esse processo, oriundo da indolência da instabilidade e do nomadismo indígena foi um precioso elemento civilizador. Com ele porém desapareceu todo o aspecto primordial do sertão paulista. Substituíram a floresta virgem as grandes invernadas, os canaviais e o manto escuro dos cafezais de hoje. O homem, num esforço formidável, mudava completamente a roupagem da terra. Nessas regiões transformadas, dificilmente imagináramos a marcha lenta, hesitante e cautelosa de uma bandeira perdida ...

Dos cronistas clássicos, e dos viajantes, antigos, poucas descrições nos chegaram, lançando alguma luz sobre o aspecto do país. Os homens dessas épocas não tinham olhos para o espetáculo da Natureza. A maravilha do Rio de Janeiro não pôde impressionar o indiferentismo dos portugueses da época do descobrimento. Pêro Lopes, que esteve com o **irmão três meses ancorado na baía do Rio**, nada diz do esplêndido **anfiteatro de montanhas que o cercava**. E o futuro donatário, por considerações econômicas ou por medida de segurança, preferiu para a primeira povoação que vinha fundar na nova colônia o porto tristonho e acanhado de São Vicente. Durante todo esse século só o italiano Vespucci parece ter compreendido a beleza da paisagem brasileira, exclamando: "Se o paraíso terreal existe em alguma parte da Terra, **creio que não** deve ser longe destes países,

dezenas de anos mais tarde é em Villegaignon que encontramos uma referência à baía que lembrava ao guerreiro francês as águas azuis e protestantes do Lago de Genebra. Dos portugueses só Fernão Cardim, para quem o inundo visível existia, do esplendor do Rio lembra a macieza dos dias de inverno, "dias fermosíssimos tão aprazíveis e salutíferos que parece estão os corpos bebendo vida..."

Do aspecto físico de São Paulo rios séculos passados, completamente desprezado rios informes que até nós chegaram resta-nos apenas, como documento visível e presente a paisagem que o homem de hoje ainda não transformou ou não afeiçoou à sua nova vida. Paisagem do século XVI, quando enfrentavam a Barra de São Vicente as naus colonizadoras de Martim Afonso. e que ainda conserva no perfil as montanhas, nos grupos de palmeiras nas praias e nos crespos arvoredos dos montes, a primeira visão dos descobridores portugueses. Paisagem da escalada da serra, muro alto e negro por onde desciam os trilhos de índios que procuravam as pescarias do mar e que ainda conserva no cipoal intrincadíssimo dos despenhadeiros, por entre samambaias, cactos, palmitos e embaúbas, as abóbodas frescas e sombrias dos incertos caminhos. Paisagem d'além da borda do campo, das várzeas de Piratininga, rodeando a cidadela primitiva, e que protege nas manhãs de inverno a neblina, escondendo as chaminés das fábricas, os arranha-céus o tumultuar metálico da vida moderna. Paisagem do sertão, das florestas intermináveis, dos largos rios de água escura, correndo lenta por entre matas debruçadas, encobrindo o carreiro onde a caça vem beber-paisagem que ainda conserva nos vastos horizontes o encanto novo e aventureiro das descobertas e das conquistas. Quatro séculos de vida humana não param de todo os característicos dessa natureza em que se desenvolveu o drama histórico da formação de São Paulo. Até agora é possível locar em tal cenário moderno os homens e os fatos das épocas históricas. Dentro em breve, porém, o nivelamento inevitável e salutar do progresso terá feito desaparecer dos olhos novos a visão da terra primitiva.

Por outro lado, se não é de todo exata a velha teoria de que o homem é um produto do ambiente, é incontestável que o aspecto do meio em que se exerce a atividade humana diferencia o tipo racial, as suas tendências e o seu viver. A paisagem é afeiçoada

paulística 141

1

pelo homem à sua própria existência. O homem, por seu turno, transforma-se segundo as mutações do cenário em que vive: "*as the soil is, so the heart of man*", disse Byron.

O Europeu aqui encontrando ao chegar a severidade de uma natureza desconhecida, inatas impenetráveis, praias desertas, campos melancólicos, gentio inimigo, não teve certamente a mesma psicologia do imigrante de hoje, que vê abertas, de par em par as portas do seu novo país. É fácil imaginar, pelo que nos resta do aspecto primitivo da terra, a terrível opressão de isolamento e hostilidade que devia infundir no colono dos tempos da descoberta a paisagem tão pouco européia que o recebia no seu agressivo misterio. Basta a floresta virgem, pela quente umidade, pelo silêncio impressionante, pela impenetrabilidade, para explicar as profundas modificações por que passa o homem submetido à prova desse encontro formidável. Para subtrai-lo à influência perturbadora do calor e à molícia do clima, nem podia contar com as mudanças de estações que fortificam o homem dos climas temperados. Nessa luta contra a ação deprimente do meio físico, o homem, se triunfava, perdia as qualidades que o distinguiam do gentio bravo. É conhecida no paulista a sua teimosa taciturnidade, o seu viver tristonho, a sua desconfiança amuada, que o destacaram desde os séculos passados, como o mais triste dos habitantes de um país triste.

O lento desaparecimento da paisagem primitiva vai aos poucos modificando o caráter do homem. A paisagem torna-se amável, e o homem começa a sacudir o peso da tradicional melancolia. O próprio aspecto das coisas que o mesmo homem modificara pela evolução do seu viver, por sua vez abre-lhe a fonte de renovação.

A esplêndida frutificação da semente bandeirante vai criando uma nova terra para os seus filhos. Dentro de dezenas de anos desaparecerá o último vestígio do São Paulo quinhentista ou seiscentista COMO já desapareceu o Paulista antigo desses tempos heróicos. Felizes os que ainda puderem apanhar nos fugidios delineamentos os derradeiros traços dessa paisagem histórica, já ameaçada pelo tempo igualitário que só lhe conservará a carcaça indestrutível da terra e do céu, e que será a última testemunha presente das lutas, ambições e glória do passado.

142 paulo prado

CAPISTRANO

1925.

NESTE mês de setembro faz dois anos que se instalou no Rio de Janeiro a Sociedade Capistrano de Abreu. Funciona no humilde porão da Travessa Honório hoje Rua Capistrano de Abreu, e que foi nestes últimos anos o verdadeiro centro intelectual do Brasil estudioso. Aí ainda estão inatos, como os deixou Capistrano, os livros poeirentos e usados pelo contínuo manuseio, as pilhas de velhos jornais e revistas, a rede cearense, e, na parede, a folhinha com a data fatídica do seu falecimento de agosto. Como rias manhãs de longas palestras, nesse quarto de estudante continua a dirigir e animar os discípulos a presença espiritual do Mestre.

Para comemorar o seu primeiro aniversário, e de acordo com os fins que se propõe, a Sociedade Capistrano distribui agora aos sócios, e expõe à venda, os *Capítulos de História Colonial (1500-1800)*, obra até aqui quase desconhecida do público pela raridade da primeira tiragem. Acompanham os *Capítulos* notas interessantes do próprio autor, do geólogo John Casper Branner, e do naturalista Philipp, von Luetzelburg. O livro é uma revelação para quem não conhece em toda a sua força o poder sintético e a larga visão do historiador. Épocas inteiras surgem do passado, iluminadas e compreensíveis. Ninguém entre nós soube tão bem aliar a paixão dos fatos concretos e precisos e a minúcia erudita às generalizações das grandes leis históricas e biológicas. Capistrano, no Brasil, foi o criador de uma *Escola de História*, que não é, somente "livro de livros", mas estudo completo e complexo do drama humano no correr dos tempos, desde a compreensão dos ritmos mundiais, das forças instintivas e conscientes que dirigem os homens e as aglomerações sociais, até o detalhe pitoresco, palpitante, do viver quotidiano nas épocas passadas. A tudo se estendia o seu insaciável desejo de saber: Geografia, Etnografia, Etnologia, Antropogeografia, Cartografia, Di

paulística 143

Í_0,

empilhações, marcações, estampilhas, corretagem, faturas consulares, novas comissões e mil outros gastos miúdos.

Até quando percorreremos essa via sacra? É impossível prever. O trambolhão fatal pode surgir, numa curva inesperada do caminho, amanhã, daqui a duas semanas, daqui a dois meses, ou daqui a dois anos. Será o resultado de uma política que já se qualificou de "economia destrutiva".

Quem escreve estas linhas não pertence à Academia Brasileira de Letras do café. É um simples produtor, comissário e exportador. Só sabe plantar, colher, vender e embarcar o seu produto. É nessa múltipla qualidade que assiste, com angústia ao martírio do café, que perseguido, super-taxado, vilipendiado, poderá fazer um dia o que já fez o **anil e está fazendo a borracha. Mudar de terra.**

(Outubro de, 1927.)

NOTA-Já se passaram mais de seis anos depois da publicação dèste pequeno trabalho. A profecia, infelizmente, não falhou.

Dois anos precisamente dois anos-bastaram para que se realizasse a catástrofe prevista. Outubro de 1929. Culminou aí o martírio do café, Recrudesceram as tormentas, as exações. Ateou-se até uma fogueira como as da Inquisição. Dissipou-se em fumo e cinza o produto de tanto esforço e de tanta energia.

Mas o café ainda acredita num milagre.

1

138 paulo prado